

**O uso da preposição ‘a’ como Objeto Direto (OD) e Objeto Indireto (OI):  
uma análise contrastiva entre o espanhol e o português brasileiro**

*The use of preposition “a” as Direct (OD) and Indirect Object (OI):  
a contrastive analysis between Spanish and Brazilian Portuguese*

**Valdilena Rammé**

Universidade Federal da Integração Latino-americana  
val.ramme@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0003-1794-3278>

**Diego Giovanni Vargas Rodriguez**

Universidade Federal da Integração Latino-americana  
louvre.25@hotmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-5330-0571>

**Resumo:** No português brasileiro, é possível perceber uma grande diferença entre a língua coloquial e a língua padrão. Nesse contexto, podem ser observados fenômenos linguísticos tais como a substituição e desaparecimento de proposições como o “a” (CASTILHO, 2010; BAGNO, 2012; TORRES, 2010). Esse fenômeno representa uma grande dificuldade para hispanofalantes que estudam português como língua estrangeira, pois, o uso da preposição “a” com complementos diretos preposicionados e com complementos indiretos no espanhol, possuem certas (im)possibilidades de uso no português brasileiro. Para tanto, revisamos gramáticas normativas e descritivas que apresentam regras para o emprego dessa preposição em português e em espanhol e tentamos sistematizar contrastivamente as aplicações da norma culta do espanhol e do português. Como consequência dessas análises, perceberemos uma generalização interessante: nos casos em que a preposição “a” continua a ser usada em espanhol para introduzir complementos diretos preposicionados, a mesma preposição “a” desapareceu do PB; porém, nos casos em que a preposição “a” é usada em espanhol para introduzir complementos indiretos, a preposição ‘a’ do PB vem sendo substituída pela preposição “para” e, em alguns contextos de movimento, pela preposição “em”.

**Palavras-chaves:** Preposição “a”; Ensino de PLE e ELE; Análise Contrastiva.

**Abstract:** *In Brazilian Portuguese, it is possible to perceive a great difference between the colloquial language and the standard language. In this context, linguistic phenomena known as substitution and disappearance of propositions such as "a"(CASTILHO,2010;BAGNO,2012;TORRES,2010) can be observed. This phenomenon represents a great difficulty for Spanish speakers who study Portuguese as a foreign language, since the use of the "a" with prepositional direct complements and with indirect complements in Spanish, have certain (im) possibilities of use in Brazilian Portuguese. For this reason, we review normative and descriptive grammars that present rules for the use of this preposition "a" in Portuguese and Spanish. Then, we try to systematize in a contrastive way the applications of "a" in the standard Spanish and Portuguese language. As a consequence of these analyzes, we will notice an interesting generalization: in cases where the preposition "a" continues to be used in Spanish to introduce prepositional direct complements, the same preposition "a" has disappeared from PB; However, in cases where the preposition "a" is used in Spanish to introduce indirect complements, the preposition "a" of PB has been replaced by the preposition "para" and, in some contexts of movement, by the preposition "em".*

**Keywords:** Preposition "a"; PFL and SFL teaching; Contrastive Analysis.

## Introdução

Professores que trabalham com o ensino de português como língua estrangeira (PLE) se deparam, frequentemente, com o desafio de explicar a distância que existe, no Brasil, entre o português das gramáticas tradicionais e os usos efetivos da língua. Em muitos casos, o que a gramática tradicional estabelece como o padrão está muito longe daquilo que é efetivamente usado pela sociedade. E não estamos falando de variedades regionais ou fortemente marcadas pela oralidade: essa divergência também está presente nos registros mais formais e cultos da língua, como nos contextos universitários em que o PLE é, na maioria dos casos, ensinado no Brasil.

Levando em consideração essa diversidade de “normas”, Bagno (2012) sugere que a linguagem utilizada nos meios profissionais mais intelectualizados é, na verdade, fruto de uma norma híbrida. Isto é, a norma utilizada nesses contextos é o resultado de uma tensão entre a gramática culta do falante e uma imagem da norma prescritiva (norma padrão) das gramáticas tradicionais que ele possui. Dizemos “imagem” porque, em geral, o que o falante imagina que seja a norma padrão nem sempre corresponde ao que a gramática tradicional realmente prescreve.

Na base de nossa variedade híbrida, Bagno (2012) distingue a presença de duas normas: a “norma padrão”, ou o “conjunto de regras e preceitos que aparece estampado nos livros chamados *gramáticas*” e que define o uso “correto” da língua (BAGNO, 2012, p. 21); e a “norma culta”, definida como a “linguagem concretamente empregada pelos cidadãos que pertencem aos segmentos mais favorecidos da nossa população.” (BAGNO, 2012, p. 23). É esta última que, segundo o autor, também serve de referência para as descrições e análises linguísticas que vêm sendo desenvolvidas dentro da academia nas últimas décadas.

Tendo isso em mente, é importante ainda considerar que o ensino de espanhol a brasileiros ou de PLE a hispanofalantes tem sido altamente marcado por uma abordagem contrastiva. Neide Maria González, no prólogo da *Gramática contrastiva del español para brasileños*, define essa tendência como o “impulso por encontrar los puntos de separación entre dos lenguas con raíces comunes” (MORENO & FERNÁNDEZ, 2007, p. 16). Tal impulso parece surgir como forma de superar um contexto de ensino-aprendizagem que se caracteriza pela supervalorização das semelhanças entre os dois idiomas, o que levava (e ainda leva) muitos professores (e falantes) a não se questionarem sobre as sistemáticas relações de semelhanças e diferenças que existem entre ambos idiomas (FANJUL & GONZÁLEZ, 2014, p. 15).

Um fator central que leva a esta falsa imagem de proximidade absoluta, segundo Fanjul e González (2014), reside no fato de que a língua contrastada nos contextos de ensino formal é a língua padrão, ou seja, aquela das gramáticas normativas. Logo, se considerarmos somente a norma padrão, de fato, em muitos níveis, o português e o espanhol apresentam pouquíssimas diferenças. O caso que analisamos neste artigo demonstrará isso. Contudo, os autores destacam que, tanto no ensino de português para hispanofalantes, quanto de espanhol para brasileiros, não levar em consideração a linguagem real dos aprendentes pode ter consequências desastrosas. Inicialmente, porque a aprendizagem não será significativa, porém mais do que isso, porque servirá para perpetuar preconceitos e visões muito danosas sobre as línguas.

A título de exemplo, consideremos o caso dos pronomes oblíquos. Como Fanjul e González (2014) evidenciam, se somente a língua padrão for considerada para o ensino, teremos duas consequências negativas: em primeiro lugar, insistiremos na reprodução de um preconceito, o de que o brasileiro “fala errado” e “não sabe falar português” por que não sabe empregar corretamente os pronomes complementos; em segundo lugar, perderemos uma chance rica de sistematizar as diferenças dos dois sistemas e, persistindo na ilusão de que não existe diferença entre as duas gramáticas, perderemos a oportunidade de apresentar explicações relevantes para nossos estudantes.

Como já mencionado, se considerássemos somente as gramáticas prescritivas, não encontraríamos muitas distinções entre o uso da preposição “a” como objeto direto e indireto no PB e no espanhol. Um olhar mais cuidadoso para os usos efetivos da língua portuguesa no Brasil e para as mudanças que esta língua vem sofrendo, contudo, demonstram não só um distanciamento entre o espanhol e o português brasileiro, mas também iluminam questões semânticas e sintáticas que poderiam ficar ocultas caso não adotássemos este posicionamento contrastivo. É por isso que também procuramos adotar uma abordagem contrastiva para o ensino de gramática dentro de nosso contexto de pesquisa, levando em consideração, principalmente, que o português e o espanhol pertencem ao mesmo tronco linguístico.

Dentro da Linguística Aplicada, mais do que descrever gramáticas, os estudos comparados ou contrastivos contribuem igualmente para o desenvolvimento de estratégias de ensino que visem a suprir os eventuais lapsos no ensino-aprendizagem de uma língua estrangeira (LE). Inevitavelmente, o aluno de LE busca, intuitivamente, na sua própria língua materna, alicerces para a construção da nova gramática que está adquirindo. Esse processo passa, necessariamente, pela comparação entre ambas as gramáticas da língua mãe e da língua alvo. Logo, ao comparar determinado tópico gramatical entre duas ou mais línguas, o professor-pesquisador está, para além de uma pura descrição,

buscando refletir sobre estratégias que possam facilitar o ensino daquelas línguas uma vez que suas diferenças e semelhanças tenham sido corretamente delineadas.

Vemos, ainda, uma outra vantagem para esta abordagem, a de que Linguística Aplicada também pode, por sua vez, contribuir para o avanço dos estudos linguísticos descritivos e formais. Ou seja, os estudos contrastivos podem contribuir, para além do ensino de línguas, a uma percepção mais holística das mudanças linguísticas por que o PB vem passando.

Desta forma, temos o objetivo de analisar, neste trabalho, o uso da preposição “a” com complementos diretos preposicionados e com complementos indiretos, no espanhol, em comparação com as (im)possibilidades de uso dessa preposição no português brasileiro. Iniciamos nossa discussão com uma reflexão sobre as dificuldades de ensinar o uso do ‘a’ no PLE. Em seguida, revisamos gramáticas normativas e descritivas que apresentam regras para o emprego dessa preposição em português e em espanhol e tentamos sistematizar contrastivamente as aplicações da norma culta do espanhol e do português. Na continuação, fazemos uma breve apresentação das normas que regem os usos da preposição ‘a’ em espanhol, seguida de uma breve exposição da norma híbrida que ronda o **uso** da preposição ‘a’ no PB. Como consequência dessas análises, perceberemos uma generalização interessante: nos casos em que a preposição “a” continua a ser usada em espanhol para introduzir complementos diretos preposicionados, a mesma preposição “a” desapareceu do PB; porém, nos casos em que a preposição “a” é usada em espanhol para introduzir complementos indiretos, a preposição ‘a’ do PB vem sendo substituída pela preposição “para” e, em alguns contextos de movimento, pela preposição “em”.

No intuito de ajudar a desenvolver um saída para essa dificuldade, este artigo pretende abordar de forma contrastiva o uso da preposição "a" como Objeto direto (OD) e Objeto indireto (OI) no português brasileiro e no espanhol, a partir dos estudos prescritivos e descritivos para poder explicar os usos do “a” em contextos coloquiais. Para tal, será feita, na próxima seção, uma análise contrastiva entre a língua portuguesa e a língua espanhola que nos levará a refletir sobre os distanciamentos entre a língua padrão e a língua culta usada no Brasil, assim como suas implicações para o ensino de PLE e ELE. Para tal, na seção 2.1., analisamos *La Nueva gramática de la lengua española* (RAE, 2010 e, na seção 2.2., examinamos a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (Cunha & Cintra, 2008) e trabalhos descritivos do PB, como os de Castilho (2010), Bagno (2011) Torres(2010), que baseiam suas gramáticas em dados da linguagem culta recolhidos dentro do projeto NURC. Finalizamos a seção 2 com um quadro contrastivo desses estudos gramaticais. Na seção 3., então, nos debruçamos sobre os usos reais da preposição “a” na posição de OD e OI em espanhol e em PB, apresentando e

discutindo um quadro contrastivo desses usos.

### **A dor de cabeça que o ‘a’ causa no ensino de PLE e ELE.**

Como já foi assinalado anteriormente, no português brasileiro, é possível perceber uma grande diferença entre a língua coloquial e a língua padrão. Nesse contexto, podem ser observados fenômenos linguísticos tais como a substituição e desaparecimento de proposições como o “a” (CASTILHO, BAGNO, TORRES). Além disso, o uso das preposições é tão variável que se enquadra no que Bagno (2012) chamou de norma híbrida: falantes escolarizados cultos e mesmo profissionais da linguagem muitas vezes aplicam tanto as regras da gramática padrão, quanto as regras de uma gramática culta (mas não padrão, normativa) ao falar ou escrever.

Podemos ilustrar este fenômeno com dados de um mesmo falante retirados por Bagno (2011) da plataforma NURC:

- (1) eu não **vou no cinema** para me divertir? então eu **vou ao teatro** para me divertir (NURC/SP/234)
- (2) ... todos os meses ele **vai pra** Caxias... [...] sempre **vou a** Caxias. (NURC/POA/045)

Nesses exemplos, as construções “vou ao cinema” e “vou a Caxias”, correspondem ao português padrão, prescrito nas gramáticas normativas, e as construções “vou no cinema” e “vai para Caxias” correspondem à norma culta amplamente utilizada. Outro fenômeno observado nessa norma culta pode ser exemplificado nas sentenças abaixo, em que podemos verificar o que Castilho (2010) chama de desaparecimento da preposição “a”. Nestes exemplos, (3a) corresponde à norma padrão, enquanto (3b) é a construção largamente mais usada:

- (3) a. Assistimos ao filme.  
b. Assistimos o filme.

Da mesma forma, em outros casos, a preposição “a” está sendo substituída pela preposição “para” em construções com objeto indireto. Nos exemplos abaixo, em que (4a) corresponde à norma padrão e (4b) à norma culta, é possível perceber a substituição da preposição “a” por “para”:

- (4) a. Não vou contar a ninguém.  
b. Não vou contar para (pra) ninguém.

Essa norma híbrida e mudança em curso do PB influencia, por sua vez, a aprendizagem da preposição ‘a’ por estudantes brasileiros(as). Como sua variedade não emprega o ‘a’ em construções

com OD e OI no PB, e como tais aprendizes não dominam a norma padrão do português, sua interlíngua acaba refletindo a norma brasileira. Ou seja, é comum encontrarmos na produção de estudantes de ELE sentenças como as abaixo:

- (5) \*Voy entregar para vos      /~Te voy **a** entregar  
(6) \*Estoy buscando mi profesora      /~Estoy buscando **a** mi profesora

Tais “erros” abundam nas produções de alunos(as) de ELE e são difíceis de corrigir sem um tratamento contrastivo explícito e sistemático, para conscientização e prática das diferenças. Nesse sentido, é importante que os professores e professoras de ELE e PLE estejam conscientes deste quadro, que compreendam profundamente o fenômeno nas duas línguas e, a partir disso, criem estratégias de ensino-aprendizagem que auxiliem seus alunos(as) a superarem essa dificuldade.

### **O que dizem as gramáticas normativas do português e do espanhol.**

Sabemos que o ensino tradicional é orientado pelo uso de gramáticas normativas, como *La Nueva gramática de la lengua española* (RAE,2010) e a *Nova Gramática do Português Contemporâneo* (CUNHA & CINTRA, 2008). Além disso, esses são os materiais de referência dos professores em formação e muitas vezes a fonte principal de consulta para dúvidas cotidianas que envolvem o ensino de línguas. Desse modo, acreditamos que um primeiro passo para abordarmos contrastivamente o português e o espanhol deve passar pela análise crítica e contrastiva de tais obras de referência. É a partir da análise dessas obras que poderemos estabelecer, na sequência, os pontos em que o uso, ou a norma culta, se afasta da norma padrão em uma língua e em outra. Portanto, nestas próximas subseções, revisaremos o que as gramáticas tradicionais prescrevem sobre o emprego de “a” na posição de Objeto Direto e Indireto.

### **Estudos prescritivos sobre a o uso da preposição “a” no PB.**

Segundo a gramática de Cunha & Cintra (2008), de um ponto de vista sintático, a ação expressa por verbos transitivos diretos é aquela que “transmite-se a outros elementos [da sentença] diretamente, ou seja, sem o auxílio de preposição.” Já os verbos transitivos indiretos são aqueles cuja ação por eles expressa “transita para outros elementos da oração indiretamente, isto é, por meio da preposição “a”. (p.150)

Tal gramática já chama atenção para o fato de que um mesmo verbo pode ser empregado intransitivamente ou transitivamente, com objeto direto ou indireto, e que a análise da transitividade

deve ser feita de acordo com o texto, conforme os exemplos abaixo demonstram (CUNHA & CINTRA, 2008, p. 152):

- (7) *Perdoai sempre.*
- (8) *Perdoai as ofensas.*
- (9) *Perdoai aos inimigos.*

Semanticamente, por outro lado, segundo a mesma gramática, os valores associados às preposições “a” e “para” podem ser resumidos da seguinte maneira:

“a” : É associada a movimento e situação (não-movimento) no espaço, tempo e noção.

“para” É associada a movimento, com a observação de que tem “tendência para um limite, finalidade, direção, perspectiva. Distingue-se de “a”, portanto, por comportar um traço significativo que implica maior destaque do ponto de partida com predominância da ideia de direção sobre a do término do movimento:

- (10) Quando meu pai deixou Juiz de Fora e mudou-se para o Rio veio morar com suas irmãs (P.Nava,BO,335)”  
(p.576-588)

O Objeto Direto (OD) é definido, nesse contexto, como aquele complemento verbal que “normalmente vem ligado ao verbo sem preposição e indica o ser para o qual se dirige a ação verbal”. (p.154) Já o OI é definido como “o complemento que se liga ao verbo por meio de preposição”. (p.157)

Em relação aos pronomes, a obra de Cunha & Cintra (2008) enfatiza que o pronome *lhe(s)* é “essencialmente Objeto Indireto”. (p.158) Logo, os pronomes oblíquos átonos não devem ser precedidos de preposição “a” (13), muito embora também funcionem como OI:

- (12) Disse a você que viria.
- (13) Disse-lhe que viria.

Em outros exemplos da gramática Cunha & Cintra (2008), essa possibilidade de substituição do complemento preposicionado por um pronome oblíquo de Objeto Indireto é um teste usado para indicar que aquele complemento preposicionado é, de fato, OI:

- (14) Então, entreguei o convite *para ele*.
- (15) Então, entreguei-*lhe* o convite.

Uma breve página é dedicada ao emprego do Objeto Direto preposicionado. Segundo tal seção, “1. O Objeto Direto costuma vir regido da preposição “a”:

- a) com verbos que exprimem sentimentos (Não amo a ninguém)
- b) para evitar ambiguidade (Sabeis, que ao mestre vai matá-lo)
- c) quando vem antecipado, como nos provérbios (A homem pobre ninguém roube)

2. O Objeto Direto é obrigatoriamente preposicionado quando expresso por pronome pessoal oblíquo tônico:

Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero.” (p. 156)

Finalmente, é importante mencionar que quando são apresentadas as preposições e seus sentidos, tando “a” como “para” são associadas ao sentido de movimento. (p.571) Além disso, a preposição “a” é mencionada na entrada que trata das “relações necessárias” dos verbos: “as preposições relacionam ao termo principal um conseqüente sintaticamente necessário”. (p. 575) Conclui-se, portanto, que introduzem complementos verbais, em oposição a adjuntos.

#### **Estudos prescritivos sobre a o uso da preposição “a” no ESP.**

Segundo a RAE(2010), quando o objeto direto designa uma ou várias pessoas (em oposição a coisas), como em (16), quando tem a forma de um pronome pessoal tônico em construções de duplicação do complemento (17), quando este é um pronome indefinido (18), relativo (19) ou interrogativo (20) que denotam pessoas, ou quando o complemento designa uma coisa personificada (21), ele deve ser introduzido pela preposição “a” (RAE, 2010, p.658-659):

- (16) He visto a tu hermano.
- (17) La vieron a ella.
- (18) No obligaremos a nadie
- (19) Es la persona a quien admiro
- (20) A quién buscas?
- (21) Gritaba llamando a la muerte.

A RAE (p. 659) também prescreve que os nomes próprios em posição de OD devem ser precedidos da preposição “a” (22), assim como os topônimos (23), embora admita que o uso da preposição “a” diante deste tipo de complemento esteja cada vez menos frequente. Porém, “Santiago” pode ser interpretado como uma pessoa e não como uma cidade se estiver introduzido pela preposição “a”.

- (22) Visité a Pedro ayer.
- (23) En nuestra excursión, visitaremos Santiago/a Santiago.

Por outro lado, nomes comuns que designam pessoas não devem ser precedidos de “a” (RAE, 2010, p.660), pois não existe um fator de especificidade:

(24) La universidad debe formar investigadores.

Além desses casos gerais, a RAE (2010) organiza os verbos que exigem a preposição “a” para introduzir o Objeto Direto por grupos semânticos. No primeiro, encontram-se os predicados que envolvem vários participantes. Nesses casos, a preposição se converte em “um recurso gramatical que permite distinguir entre ellos” (RAE, 2010, p.662):

- (25) a. Matará al Rey, el caballero?  
b. Matará el caballero al Rey?

A obra ainda destaca que “por la misma razón (es decir, porque se alude a la presencia de más participantes), es común la variante con “a” en las comparaciones” (RAE, 2010, p.662), muito embora na América Latina, como veremos, esse uso é quase inexistente:

- (26) Comparar (a) la universidad con una empresa.  
(27) Conozco a Raúl como (a) la palma de mi mano (Mendizábal, Cumpleaños).

Também encontram-se neste grupo semântico os verbos psicológicos. Segundo a RAE (2010), o uso de “a” com o OD, em tais casos, permite marcar a função sintática desses complementos em oposição ao sujeito, uma vez que são verbos em que o agente ou experienciador da ação não se encontra nesta posição sintática:

- (28) Esas películas asustan {\*muchos ~ a muchos} espectadores;  
(29) Supuestos éxitos diplomáticos que impresionan {\*muy pocos ~ a muy pocos}.

Diferentemente do Objeto Direto, segundo a referida gramática, o Objeto Indireto é a função sintática ocupada pelos pronomes pessoais átonos de dativo (como em (29)) e pelos sintagmas preposicionados encabeçados pela preposição “a” que podem ser substituídos por um pronome de dativo (RAE, 2010, p.671):

- (30) Jacinto le pidió las llaves.  
(31) Jacinto pidió a su esposa las llaves.

Ao mesmo tempo, “desde el punto de vista semántico, los complementos indirectos designan el receptor o el destinatario (32), el beneficiario (33), el experimentador, y otros participantes en una acción, un proceso o una situación.” (RAE, 2010, p.671-672). O experimentador ou “experimentante”

é, neste caso, aquele indivíduo que experimenta ou sente a noção que o verbo designa, como em (34) e (35):

- (32) Envío la carta *a María*.
- (33) Vendió la casa *a Juana*.
- (34) Me gustan las manzanas.
- (35) Le cuesta caminar

Nesses casos, é importante mencionar que “los verbos de comunicación también se consideran, en sentido amplio, verbos de transferencia, puesto que cabe entender que la noción transferida es la información que se suministra. (p.679) Assim, os complementos indirectos destes verbos são interpretados como destinatários:

- (36) *llamó a su hermana* ayer.

Ainda, aponta-se que os verbos que indicam direção, destino ou término também selecionam objetos indirectos, embora pertençam a diferentes grupos semânticos, como no caso abaixo:

- (37) *Se nos acercó vs. Se acercó a nosotros*.

Além disso, segundo a RAE, “es habitual en español que los complementos indirectos formen construcciones llamadas de doblado o de duplicación. El grupo preposicional que ejerce la función de complemento indirecto aparece reproducido en ellas mediante un pronombre átono de dativo”, sendo obrigatória em alguns casos e opcional em outros (RAE, 2010, p.676-677):

- (38) *Les gusta a ellas*.
- (39) *Les gusta a las muchachas*.

Assim, construções em que o complemento direto é interpretado como destinatário podem bloquear, em geral, o uso do pronome duplicador (RAE, 2010, p.677):

- (40) *Entregaron a Alex sus anteojos*.

Por outro lado, o pronome átono parece ser obrigatório nos casos em que o complemento indirecto é interpretado como experienciador da ação (RAE, 2010, p.677):

- (41) *Le duelen las muelas a Inés*.
- (42) *\*Duelen las muelas a Inés*.

É observado, ademais, que as construções de duplicação com objetos indiretos não implicam a existência de dois complementos distintos, mas um complemento é entendido como reprodução ou copiando o outro:

(43) Al Rey le han gustado las capillas.

É importante ainda mencionar que a RAE apresenta uma breve nota na qual menciona que “en algunas gramáticas tradicionales se consideraban también complementos indirectos los encabezados por la preposición “para” cuando introducen el destinatario de alguna acción.” (RAE, 2010 p.671). O posicionamento desta gramática, contudo, é contrário a esta apreciação. Para a RAE, os complementos introduzidos por “para” não são considerados objetos indiretos, porque não podem ser substituídos pelo pronome dativo. Logo, (32) e (33) seriam distintos tanto sintática como semanticamente:

(44) Le dio un regalo a su amiga.---

(45) Le dio un regalo para su amiga.

Em (44), portanto, o pronome “le” e o complemento “a su amiga” são interpretados como fazendo referência à mesma pessoa. Em (45), por outro lado, o pronome “le” se refere ao interlocutor ou a uma outra pessoa não mencionada na sentença. “Su amiga”, neste caso, vai ser a pessoa para quem o interlocutor deve entregar o presente que lhe foi confiado, ou seja, é a beneficiária final da ação do verbo. Enquanto o constituinte “le” faz referência ao destinatário da ação do verbo, aquele que recebeu o “presente para a amiga”.

A argumentação da referida obra também se baseia no fato de que sentenças como (46) apresentam complementos encabeçados por “a” e por “para” que têm funções e sentidos distintos (RAE, 2010, p.671):

(47) Le entrega la carta para el Rey y le ordena que no acuda a Villa Giralda (Anson, Don Juan)

Além disso, de modo geral, outra característica funcional da preposição “a”, é de evitar ambiguidades. No espanhol, a preposição “a” marca a presença de um referente específico, assim, seu emprego pode modificar a interpretação da frase. Observemos os seguintes exemplos em português e em espanhol:

(48) Os ladrões roubaram as crianças.

(49) a. Los ladrones robaron los niños.

b. Los ladrones robaron a los niños.

Quando tentamos fazer uma tradução da oração (48) para o espanhol, percebemos que a interpretação fica ambígua. Logo, se optarmos pela tradução em (49a), perceberemos que um dos sentidos da sentença (48) leva à interpretação de que as crianças (los niños) foram levadas pelos ladrões:

(50) a. Los ladrones robaron los niños (OD, sem a preposição “a”)

Porém, também podemos traduzir a sentença em (48) pelo exemplo em (49b), em que a interpretação seria a de que os ladrões levaram os pertences das crianças:

(51) b. Los ladrones robaron a los niños (OI, com a preposição “a”)

Finalmente, a referida gramática ainda menciona que os pronomes complemento de Objeto Indireto listados acima também podem entrar em alternância com complementos de regências distintas, como nos exemplos abaixo:

Se acercó a ella vs. Se le acercó (dirección, destino o término).

Se apartó de ellos vs. Se les apartó (origen, procedencia o fuente). Echó sal en la ensalada vs. Le echó sal a la ensalada (ubicación).

Além disso, destaca-se que, enquanto no espanhol europeu essas alternâncias costumam ficar restritas às construções com sujeitos de terceira pessoa, no espanhol latino-americano é comum encontrar construções com as outras pessoas gramaticais:

Me le escapé (Escapei deles) Me les solté (Me soltei deles)

Te nos alejaste (Você se distanciou de nós)

### **Tabelas contrastivas do emprego da preposição “a” como OD e OI entre o Português e o Espanhol segundo as gramáticas tradicionais.**

Resumindo as informações obtidas a partir da análise das gramática prescritiva e descritiva da língua espanhola e portuguesa, a seguinte tabela contrastiva mostrando as principais formas de uso da preposição “a” como complemento direto entre o espanhol e o português ,

Língua Espanhola	Língua Portuguesa
------------------	-------------------



<p>A preposição “a” é obrigatória quando um pronome pessoal oblíquo tônico tem a função de objeto direto:</p> <p>Me ofendieron <b>a</b> mí, no <b>a</b> él.</p>	<p>A preposição “a” é obrigatória quando um pronome pessoal oblíquo tônico tem a função de objeto direto</p> <p>Ofenderam <b>a</b> mim, não <b>a</b> ele.</p>
<p>A preposição “a” é obrigatória quando introduz um pronome indefinido, relativo ou interrogativo que denota pessoas:</p> <p>No obligaremos <b>a</b> nadie</p> <p>Sorprendió <b>a</b> todos</p> <p><b>A</b> quién buscas? Busco a alguien. Qué buscas? Busco algo.</p>	<p>A preposição “a” é facultativa antes de pronomes indefinidos, embora as gramáticas tradicionais aconselhem seu emprego:</p> <p>Não forçamos ninguém Não forçamos <b>a</b> ninguém</p> <p>Surpreendeu <b>a</b> todos Sorpreendeu todos</p> <p>*Em português, esta regra não se aplica.</p>
<p>A preposição “a” é obrigatória antes de nomes próprios de pessoas, animais, objetos humanizados:</p> <p>He visto <b>a</b> Dios/ a Pedro Buscar <b>a</b> los perros Evitar <b>a</b> la muerte Respetar <b>a</b> la constitución (<i>Neste caso a função do “a” e de otorgar importância ao nome</i>)</p>	<p>A preposição “a” é necessária antes de nomes próprios, especialmente ante o nome de Deus:</p> <p>Vi <b>a</b> Deus/a Pedro</p> <p>Mas dependendo da regência verbal, com uso da preposição “a”, os verbos podem ter outros significados, por exemplo</p> <p>Assistir: -transitivo indireto = presenciar --&gt; Assisti <b>AO</b> espetáculo. -transitivo direto = dar assistência --&gt; O médico assiste <b>O</b> doente.</p> <p>Pagar: -transitivo indireto para pessoa ---&gt; Vou pagar <b>AO</b> dentista -transitivo direto para coisa ---&gt; O rapaz pagou <b>A</b> consulta.</p>

<p>Sempre serão introduzidos pela preposição "a" as duplicações pronominais, as quais acontecem quando os pronomes pessoais tônicos na frente do verbo exercem a função de objeto direto.</p> <p><i>La vi.</i> <i>Vi a ella. La vi</i> <i>a ella.</i></p>	<p>*Em português, esta regra não se aplica.</p>
<p>A preposição "a" é obrigatória para introduzir o complemento direto de verbos psicológicos ou verbos que possuem variados argumentos, para evitar ambiguidade:</p> <p>Juana sorprendió a todos.</p>	<p>A preposição "a" também é obrigatória depois de verbos que exprimem sentimentos:</p> <p>Joana surpreendeu a todos.</p>
<p>La película asustó a Erin.</p>	<p>O filme assustou Erin.</p>

É possível perceber que as regras relacionadas ao uso da preposição "a" das línguas portuguesas são bastante semelhantes às regras gramaticais em espanhol. Apenas em casos específicos, a gramática tradicional portuguesa sugere que o uso da preposição não aplica o simplesmente é facultativa. Por outro lado, ao sistematizar as regras que determinam o emprego dos Objetos Indiretos, chegamos ao quadro abaixo:

Língua Espanhola	Língua Portuguesa
<p>A preposição "a" é obrigatória quando introduz um Objeto Indireto destinatário, experienciador e beneficiário:</p> <p>Envió la carta <i>a Juan</i>. Vendió la casa <i>a Juan</i>. <i>A Juan le</i> gustan las manzanas.</p>	<p>A preposição "a" é obrigatória quando introduz um Objeto Indireto:</p> <p>Enviou a carta <i>ao João</i>. Vendeu a casa <i>ao João</i>. *Não se aplica.</p>
<p>A preposição "a" é a única que pode introduzir Objetos Indiretos:</p> <p><i>Le</i> dio el regalo <i>a Juana</i> <i>Le</i> dio el regalo para Juana</p>	<p>A preposição "a" e "para" podem ser usadas para introduzir um OI, embora o "a" seja a preposição de preferência:</p> <p>Deu o presente <i>para Joana</i>. Deu-<i>lhe</i> o presente.</p>

Neste caso, podemos observar que o uso da preposição “a” ainda é recomendado nas gramáticas descritivas, da mesma forma como é usada em espanhol. A maior diferença está relacionada ao emprego da duplicação pronominal em espanhol. Estas são frases introduzidas pela preposição “a” seguidas por um substantivo próprio, tal fenômeno é inexistente na língua portuguesa.

### **Análise descritiva dos usos da preposição “a” como OD e OI em português. brasileiro e espanhol**

Antes de entrar em uma análise dos usos que envolvem construções com Objetos Indiretos e Diretos observados em nosso cotidiano universitário, resgataremos alguns trabalhos descritivos já realizados sobre o português brasileiro e o emprego da preposição “a”. Assim, na próxima seção, revisamos os trabalhos de (CASTILHO, 2010). BAGNO (2011). Na seção 3.2., então, apresentamos um exame dessas construções em uma perspectiva contrastiva.

### **A preposição “a” no português segundo gramáticas descritivas**

Em contraposição a esta imagem simplista, e portanto, muito próxima da GT do espanhol, dentro dos estudos descritivos da língua existem fenômenos linguísticos tais como o desaparecimento ou a substituição das preposições, isto representa uma regramaticalização das estruturas da língua (CASTILHO, 2010). Por outro lado, BAGNO (2011) também afirma que uma mudança desse tipo ocorre atualmente no PB, em que a preposição “a” sofre concorrência de “para” na maioria das variedades linguísticas nas chamadas construções dativas (objeto indireto) e nas construções que exprimem movimento/direção (p.867)

Levando em consideração, as diferentes variedades do PB, BAGNO (2011) também afirma que em lugares como o Nordeste ainda se emprega com bastante frequência a preposição “a”, mesmo entre falantes de baixa escolarização. Paralelamente, a preposição “a”, nas demais regiões é “para” que prevalece com verbos como *dar, responder, perguntar, dizer, emprestar, pedir* etc.

Castilho (2010 *apud* BERLINCK, 1997) afirma que os complementos verbais preposicionados no português paulista do século XIX apresentam uma diminuição progressiva da frequência de “a” em favor de “para”. Castilho (2010, p.590) então propõe uma possível explicação sobre a substituição da preposição a afirmando o seguinte:

“O desaparecimento progressivo de “a” no PB deve explicar as dificuldades atuais em operar a questão da crase, tanto as flutuações na transitividade de verbos como agradecer, que de transitivo indireto caminha para transitivo indireto.” (CASTILHO, 2010, p.590)

Na língua portuguesa, a crase é a junção de duas vogais idênticas, a preposição “a” e o artigo feminino “a”. Sua junção é representada como “à”, com acento grave. Vejamos as seguintes frases:

- (52) Vou à praia
- (53) Vou na praia

Na oração (52), devido ao uso da crase, não é possível distinguir fonologicamente o artigo feminino “a” da preposição “a”, mas na frase (53) existe um fator prosódico que marca a presença da preposição em + o artigo feminino “a”. Em seus estudos sobre os sistemas das preposições no Português Brasileiro, BAGNO (2011) assinala que nas construções com verbos de movimento e direção tais como *ir, vir, chegar, dirigir-se, rumar*, etc, as preposições “a” e “para” perdem espaço diante da preposição “em”. Desse modo, “a” desaparece em construções do tipo *falar ao telefone, sentar-se à mesa, encostar-se ao tronco, escrever ao computador, ficar à janela*, substituído por EM e combinações.

BORBA (1971, p.133) mostra que com os verbos de movimento a preposição “a” indica a direção desse movimento, como em *ir ao restaurante, voltar à fazenda*, ao passo que a preposição “em” indica que o falante não está interessado em representar a direção em si, mas apenas sua inclusão no ponto de chegada, como *ir no restaurante, voltar na fazenda*, etc.

Mesmo assim, é possível demonstrar que a presença da preposição “a” ocorre em outros contextos sintáticos, os quais indicam duração:

- (54) às nove horas viajarei
- (55) em julho viajarei.

No exemplo (54), a função da preposição a refere-se a um período de tempo específico e concreto, pelo contrário no exemplo (55) a função da preposição em refere-se a um período de tempo mais prolongado. Assim pode-se concluir que em outros contextos sintáticos tais preposições não são sinônimas, mas se falarmos de sentido de direção no PB elas podem ser equivalentes.

Retomando a possível explicação sobre a substituição da preposição “a”, CASTILHO (2010) também afirma que existem fatores relacionados com a transitividade dos verbos, tais como o verbo *assistir, agradecer* ou *aspirar*. Os quais, segundo a língua culta, a preposição “a” introduz o objeto indireto e a falta da preposição indica a presença do objeto direto, distinção que já se perdeu para a maioria dos brasileiros:

- (56) Vou assistir a meu pai na TV.  
 (57) Vou assistir meu pai no hospital.

Assim, na frase (56) o verbo *assistir*, transitivo indireto, tem um sentido de ver, mas na frase (57), o verbo *assistir*, transitivo direto, tem um sentido de ajudar. No entanto, como mencionado, dentro das variações do PB existe uma progressiva diminuição do uso da preposição “a”, e desse modo, os problemas relacionados ao sentido dos verbos são solucionados pelo contexto. Dessa maneira, é possível ouvir frases como *vou assistir o filme* ou *vou assistir o paciente*.

Além disso, embora não seja especificado nessa gramática, o uso da preposição “a” também é sugerido com verbos transitivos diretos que tomam como complementos nomes de seres animados (MOURA, 2011, p.213). Ao contrário da oração (58), na oração (59) o verbo *responder* que seleciona a preposição “a” tem a função de encabeçar o sintagma nominal “o leitor”.

- (58) Responder as perguntas.  
 (59) Responder ao leitor.<sup>1</sup>

### **Análise descritiva contrastiva das construções de Objeto Direto Preposicionado e Objeto Indireto em PB e espanhol**

Como já mencionado, diversos trabalhos nos últimos quarenta anos têm apontado para uma grande mudança no sistema preposicional do português brasileiro, entre elas, os trabalhos já mencionados de BAGNO (2011) e CASTILHO (2010). Como previsto, tal mudança afeta principalmente os contextos de uso da preposição “a”, TORRES (2010), por exemplo, com dados de língua falada e escrita, provenientes de documentos históricos e coletados nas diferentes regiões do Brasil e de Portugal, revela que a variedade brasileira se distancia do Português Europeu em dois aspectos gramaticais relacionados: decréscimo no uso da preposição “a”, a qual é substituída pela preposição **para** e decréscimo no uso do clítico dativo de 3ª pessoa **lhe(s)**, o qual é substituído três diferentes estratégias de pronominalização no PB (TORRES, 2010, p 176). Podemos observar essas estratégias em comparação com os mesmos contextos em espanhol no quadro abaixo:

Estratégias de pronominalização do OI em PB	Versão em PB vs. PE	Versão em ESP
---	---------------------	---------------



Pronome ou nome dentro da frase preposicional:	<b>PB:</b> João deu o livro <b>para ela</b> /Maria.  <b>PE:</b> João deu-lhe o livro a ela/Maria.	João le dio un libro <b>a</b> ella.
Uso dialectal do pronome fraco:	<b>PB:</b> João deu <b>ela o</b> livro.  <b>PE:</b> João deu a ela o livro. João deu-lhe o livro.	João le dio el libro.
Objeto indireto nulo fonologicamente, uso preferencial em PB para contextos anafóricos:	<b>PB:</b> João viu Maria, mas não deu _ carona.  <b>PE:</b> João viu Maria, mas não lhe deu carona.	João vio a María, pero no ___ dió carona. (PY)  João vio <b>a</b> María, pero no le dió carona.

Quadro contrastivo das estratégias de pronominalização do OI em PB, PE e ESP.

Ao observarmos as versões em PB e em espanhol, verificamos duas tendências: a preposição “a”, obrigatória segundo a norma padrão, cede espaço à preposição “para”. Além disso, como outros trabalhos Torres(2010) já revelaram, o pronome oblíquo de dativo (lhe(s)) acaba desaparecendo, sendo sistematicamente substituído por um pronome nulo/zero ou por um sintagma preposicionado encabeçado por “para”. Além disso, é observado que o uso da preposição “a” para introduzir o OD acaba desaparecendo na norma culta. Chegamos, então, ao seguinte quadro, em que destacamos as versões usadas no espanhol culto para os usos de “a” em português:

Língua Espanhola	Língua Portuguesa
A preposição “a” é obrigatória quando um pronome pessoal oblíquo tônico tem a função de objeto direto:  Me ofendieron <b>a</b> mí, no <b>a</b> él.	A preposição “para” é utilizada em lugar de “a” e o pronome oblíquo átono ocupa o espaço dos pronomes tônicos de primeira e segunda pessoas gramaticais:  Me ofenderam, não ele.



<p>A preposição “a” é obrigatória quando introduz um pronome indefinido, relativo ou interrogativo que denota pessoas:</p> <p>No obligaremos <b>a</b> nadie</p> <p>La película sorprendió <b>a</b> todos</p> <p><b>A</b> quién buscas? Busco a alguien. Qué buscas? busco algo</p>	<p>A preposição “a” deixa de ser facultativa e raras vezes é utilizada nestes contextos:</p> <p>Não forçamos ninguém</p> <p>O filme surpreendeu todos.</p> <p>*Em português, esta regra não se aplica.</p>
<p>A preposição “a” é obrigatória antes de nomes próprios de pessoas, animais, objetos humanizados:</p> <p>He visto <b>a</b> Dios/ a Pedro</p> <p>Buscar <b>a</b> los perros Evitar <b>a</b> la muerte</p> <p>Respetar <b>a</b> la constitución (<i>Neste caso a função do “a” e de otorgar importância ao nome</i>)</p>	<p>A preposição “a” deixa de ser usada antes de nomes próprios, com raras exceções reservadas ao discurso religioso:</p> <p>Vi Deus / Vi Pedro</p> <p>Busquei os cachorros</p> <p>Evitei a morte</p> <p>Respeitar a constituição (<i>Mesmo no português culto, não existe o uso do “a” como marcador de importância</i>)</p>
<p>Sempre serão introduzidos pela preposição "a" as duplicações pronominais, as quais acontecem quando os pronomes pessoais tônicos na frente do verbo exercem a função de objeto direto.</p> <p><i>La vi.</i></p> <p><i>Vi a ella. La vi a ella.</i></p>	<p>*Em português, esta regra não se aplica.</p>
<p>preposição “a” é obrigatória para introduzir o complemento direto de verbos psicológicos ou verbos que possuem variados argumentos, para evitar ambiguidade:</p> <p>La película asustó a Erin. Juana sorprendió a todos.</p>	<p>A preposição “a” também tende a não ser mais usada com verbos deste grupo semântico:</p> <p>O filme assustou Joana.</p> <p>Joana surpreendeu todos.</p>

Quadro contrastivo, sobre o uso da preposição “a” como complemento direto segundo as gramáticas descritivas.

Em relação ao Objeto Indireto, a tendência mais geral parece envolver a substituição



sistemática da preposição “a” pela preposição “para”, nas construções dativas, e “em”, nas construções com verbos de movimento. Além disso, o declínio no uso do pronome complemento lhe(s) cede espaço ao emprego de “para+pronome sujeito” ou “para+pronome oblíquo tônico”, como podemos observar no quadro abaixo:

Estratégias de pronominalização do OI em PB	Versão em PB	Versão em ESP
Pronome reto/oblíquo tônico:	Joana deu o livro <b>para ela</b> . Joana não disse para ela que iria viajar. Pedi licença para ele.	João le dio el libro <b>a</b> ella. Joana no le dijo <b>a</b> ella que iba viajar. Le pidió permiso <b>a</b> él.
Para+substantivo:	João deu um presente para Ana. Enviei esta mensagem para a professora. Escrevi para o editor da revista. Pedi licença para seu chefe.	Joao le dio un regalo <b>a</b> Ana. Envíe este mensaje <b>a</b> la profesora. Le escribí <b>al</b> editor de la revista. Pidió permiso <b>a</b> su jefe/a él.
Objeto Indireto anafórico nulo fonologicamente:	Comprei esse livro para a Joana, mas não <u>dei</u> .  Escrevi o email para o chefe, mas não envieí.	Compré este livro para Juana, pero no <u>_____</u> dí. (PY) <i>(em países com grande influência do português como paraguai é possível perceber este fenômeno também no espanhol)</i>  Le escribí el email <b>al</b> jefe, pero no lo envíe.

	Pediú licença.	Le pidió permiso.
--	----------------	-------------------

Quadro contrastivo sobre as estratégias de pronominalização do OI em PB e ESP.

Como se pode notar, a análise contrastiva do uso da preposição “a” na posição de Objeto Direto e Indireto entre o português brasileiro e o espanhol nos permite sistematizar certas questões que podem facilitar a aprendizagem de tais construções em ambas as línguas. Por um lado, nos casos em que “a” é empregado em espanhol, tanto em contextos formais, quando mais coloquiais, o português brasileiro culto tende a usar outras estratégias que evitam o uso de preposição. Por outro lado é interessante perceber que em lugares hispânicos com grande influência do português brasileiro, como o Paraguai é possível notar o terceiro fenômeno assinalado na tabela, o objeto direto nulo fonologicamente.

Assim, é possível afirmar que a preposição “a” com esta função gramatical e, conseqüentemente, as construções de Objeto Direto preposicionado estão em vias de extinção no PB, enquanto permanecem amplamente utilizadas no espanhol.

Por outro lado, ao observarmos contrastivamente o uso da preposição “a” na posição de Objeto Indireto, percebemos que esta função não desaparece da língua culta brasileira. Entretanto, outro item lexical, nomeadamente a preposição “para”, é sistematicamente escolhido para desempenhar o mesmo papel que “a” possui em espanhol nos mesmos contextos, isto é, de introduzir um complemento dativo, ou indireto.

Uma consequência desta reorganização, como já se observou, envolve também o sistema pronominal do PB. Nos casos de substituição do Objeto Direto por um pronome oblíquo, a tendência em PB é o uso de um pronome nulo ou zero. Ao mesmo tempo, para a substituição do Objeto Indireto, duas estratégias ocupam o espaço dos pronomes oblíquos átonos, principalmente de terceira pessoa: o uso de um pronome zero, ou o emprego da preposição “para” + um pronome reto ou oblíquo tônico. Assim, enquanto os sintagmas preposicionais que exercem a função de complemento indireto no espanhol estão sempre encabeçadas pela preposição “a”, estando o pronome átono presente (**Le** pidió permiso **a** su jefe) ou não (Pidió permiso **a** su jefe), em português brasileiro a estratégia é utilizar a preposição “para” (Pediú permissão para seu chefe/para ele).

Esta análise contrastiva também nos permitiu observar que, enquanto o português brasileiro tende a apresentar uma sintaxe mais rígida, permitindo raros movimentos nos seus constituintes, a

sintaxe do espanhol permanece mais flexível. Tal flexibilidade, conseqüentemente, exige que a gramática lance mão de outras estratégias que não a ordem dos constituintes para marcar as funções gramaticais de Sujeito, Objeto Direto e Objeto Indireto. Deste modo, no espanhol ainda são frequentes as construções de O.I. duplicadas, em que a preposição “a” é combinada ao sintagma nominal (no caso do artigo “el” a contração resulta em “al”). Como já vimos, nestes casos, o verbo não possui dois objetos indiretos, senão que um reproduz o outro:

<u>Al</u>	<u>Rey</u>	<u>le</u>	<u>han</u>	<u>gustado</u>	<u>las</u>	<u>capillas</u>
<i>O.I.</i>	<i>Sujeito</i>	<i>O.I.</i>		<i>Verbo</i>		<i>Objeto</i>

Observando outros exemplos, é possível verificar a hipótese de que, no espanhol, o pronome de Objeto Indireto representado pelo pronome pessoal “le” e o Objeto Indireto nominal introduzido por “a” permitem maior movimento sintático, possibilitando que a ordem Sujeito+Verbo+Objeto (SVO) seja flexibilizada. Analisemos as possibilidades que o espanhol apresenta em contraste com o português brasileiro:

- |      |  |   |
|------|--|---|
| (60) | a. <i>Al rey le han gustado las capillas</i><br>b. <i>O rei gostou das capelas</i> | <i>O.I + Sujeito + O.I + Verbo+Objeto</i> |
| (61) | a. <i>Las capillas le han gustado</i><br>b. <i>Das capelas gostou</i>              | <i>Objeto + Sujeito + O.I+Verbo</i>       |
| (62) | a. <i>Le han gustado las capillas</i><br>b. <i>Gostou das capelas</i>              | <i>O.I + Verbo + Objeto</i>               |
| (63) | a. <i>Las capillas al Rey le han gustado</i><br>b. <i>Das capelas o Rei gostou</i> | <i>Objeto+ O.I+Sujeito + O.I+Verbo</i>    |

### Considerações finais

Ao encontrar as fragilidades do ensino tradicional de PLE e ELE, que ignora a capacidade multifacética da linguagem, é preciso pensar numa abordagem considerando a proximidade das línguas sem cair naquela imagem que potencialize só as semelhanças. Essa discussão é, assim mesmo, controversa: não há consenso entre os profissionais da Linguística Aplicada sobre o uso da língua materna em classe de língua estrangeira e sobre as implicações positivas ou negativas dessa prática. Deixando esse ponto controverso de lado por enquanto, é inegável o fato de que o professor de LE deve se debruçar sobre esse assunto. Com um conhecimento sólido sobre as diferenças e semelhanças da(s) língua(s) materna(s) de seus alunos e da língua alvo, o professor conseguirá prever suas dúvidas e suas estratégias e, dessa forma, poderá enriquecer sua aula com atividades que foquem a prática

contextualizada dos pontos gramaticais iluminados pelo estudo comparativo.

Desde esta perspectiva, acreditamos ser importante quebrar aquela imagem ilusória de que o Espanhol e o Português são línguas muito próximas, e que as gramáticas funcionam quase da mesma forma. Como visto, por meio desta análise contrastiva percebemos que existe uma grande divergência principalmente nos usos reais da língua. Contudo, também devemos pensar além do formalismo gramatical e na forma de priorizar a expressão viva da linguagem.

Se é a interação verbal o que importa, temos então a primeira grande reivindicação colocada pela teoria em relação a nossa atitude como professor de linguagem, que é a de privilegiar não só o contato frequente de nosso aluno com a leitura e a produção de textos como também fazer dessa leitura e dessa produção uma relação linguística viva. (FARACO; CASTRO, 1999, p.5.)

Além disso, ressaltamos a grande falta de pesquisas descritivas sobre o espanhol latino-americano, pois o alto número de hispanofalantes nos faz pensar que existem mais fenômenos de desaparecimento e substituição de preposições que ainda não estão sendo documentados. Por exemplo, como foi mencionado anteriormente, em países hispanofalantes como o Paraguai, com uma forte influência do PB, percebe-se uma assimilação das mesmas estratégias de pronominalização do PB, consideradas inadequadas para las gramáticas tradicionais espanholas.

Em contrapartida, no Brasil, vale a pena ressaltar o grande número de pesquisas descritivas como o projeto NURC, que representa o acervo mais importante de dados de oralidade urbana culta. Desse modo, o projeto mostra uma fotografia da língua falada na época, que permite perceber o fenômeno de desaparecimento e substituição de preposições.

Em virtude dos dados mencionados é possível afirmar que existe um desaparecimento gradual do uso da preposição “a” no uso coloquial do português brasileiro, mesmo que as gramáticas tradicionais recomendem seu uso. Este desaparecimento representa uma regramaticalização sintática e semântica, especialmente na transitividade dos verbos.



## Referências

- BORBA F.S, Sistema de preposições em português, São Paulo, tese de livre-docência,1971.
- CASTILHO, A. T., Gramática do Português Brasileiro, Editora em contexto, ,2010.
- FANJUL; GONZÁLEZ, Espanhol e português brasileiro: estudos comparados. São Paulo, Parábola, 2014.
- FARACO C. ,1999 Por uma Teoria que fundamente o ensino de língua materna (ou de como apenas um pouquinho de gramática nem sempre é bom). Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/er/n15/n15a15.pdf>> Acessado em Julho de 2018.
- GÓMEZ T., Leonardo, Nuevo Manual De Español Correcto, Arco Libros, 2003
- MORENO, C; FERNÁNDEZ, G. M. E, Gramática contrastiva del español para brasileños, editora sgl, 2007.
- MOURA, Gramática de Usos do Português - 2ª Ed. Editora UNESP, São Paulo, Brasil, ,2011.
- TORRES, Conversando sobre o objeto indireto nulo no português brasileiro, Estudos da Língua(gem) Vitória da Conquista v. 8, n. 1 p. 171-185, 2010.

**Submissão no site: setembro de 2018**

**Aceite: abril de 2020**